

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO EM DIÁRIO DO FAROL

“Retribuir tanto o bem quanto o mal é preciso, mas porque há de ser precisamente à pessoa que nos fez bem ou mal?”

(Friedrich Nietzsche)

Diário do Farol, romance do baiano João Ubaldo Ribeiro, proporciona ao leitor, através do relato autobiográfico do seu narrador protagonista, uma visão do que vem a ser a arte de argumentar, ou seja, do poder exercido pela palavra, quando habilmente utilizada para justificar suas ações, sejam elas voltadas para o bem, a depender de suas conveniências, ou para o mal satisfazendo seu ego. Assim o presente estudo consiste em analisar a partir deste relato, o discurso do protagonista, sobretudo no que diz respeito à Retórica da Verossimilhança, quando este pretende convencer seu leitor sobre a verdade dos fatos por ele relatados.

Para tanto o protagonista utiliza da Retórica, conhecida como método de persuasão, de cujo uso o homem se vale para convencer um grupo de pessoas da sua opinião. Para melhor entendimento faz-se necessário então mostrar a diferença existente entre esses dois elementos que compõem a retórica: convencer e persuadir. Segundo Abreu (2005, p. 23):

“Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize.”

Assim em Diário do Farol o protagonista lança mão dos elementos retóricos: convencer e persuadir, para alcançar seus objetivos. Do primeiro, para obter o domínio do leitor, e de ambos simultaneamente para influenciar os pensamentos e as ações dos demais personagens. Firmado nisso, constrói seu discurso contrário ao que já foi estabelecido pela

sociedade, expondo as próprias idéias do que acredita ser o bem e o mal, a felicidade e a tristeza, a companhia e a solidão, a sanidade mental e a loucura, o sagrado e o profano; estabelecendo, dessa maneira, a técnica do paradoxo, outro elemento presente na retórica. Para os filósofos Platão e Aristófanes, essa técnica que consistia em criar argumentos contrários para um tema já estabelecido pelo senso comum, como as dicotomias acima mencionadas. Além de paradoxais, seus argumentos, assim como o dos sofistas, também partem do verossímil, mas na maioria das vezes, podem ser considerados falsos, principalmente quando o referido narrador se vê ameaçado ou ignorado por alguém ao longo de sua trajetória.

O sentimento de desprezo misturado à falta de amor e aos castigos físicos e psicológicos tornam Eusébio uma pessoa fria e calculista; mas suas atitudes podem ser justificadas pelo fato de seu pai lhe ter negado a palavra durante toda infância. Eusébio foi uma criança que desde cedo recebeu de seu progenitor doses altíssimas de desprezo, solidão, desamor, maus tratos físicos e morais irreparáveis, como pode ser notado na seguinte passagem extraída na obra: “(...) Ele nos tratava com um furor de um cão raivoso e sei, porque minha mãe me contou, que tomei minha primeira surra aos quatros meses de idade, por causa de meu choro de cólica, que não o deixava conciliar sua sesta habitual.” (p. 29). Verifica-se aí a origem das agressões que o personagem sofreu e que influenciou tão intensamente seu comportamento posterior.

Mas os maus tratos não cessaram na infância, pelo contrário, gradativamente estes iam fazendo parte da vida de Eusébio, não se limitando apenas aos físicos, mas também psicológicos, as agressões verbais eram uma constante na vida dele, como na seguinte seqüência:

“(...) Além de cínico, é teimoso e descarado! Cínico! Descarado! Desqualificado! Desgosto, desgosto, desgosto! Não sei o que fiz a Deus para meu único filho ter saído essa bosta que não serve para nada, não sabe fazer nada.... (...) E pare com essa cara cínica, antes que eu lhe quebre todo!” (p.40).

pode-se então perceber que a sua forma de agir e pensar sofreu uma modificação daquela já estabelecida no meio social, em que a família exerce o papel de proteção, o que não ocorreu com o personagem em decorrência do tratamento recebido pelo pai. Por isso este criou defesas e valores de conduta individuais para sobreviver.

Dentre os valores citados verifica-se a concepção do que vem a ser o bem e o mal, valores que envolvem a moral e variam a depender da época e do lugar. Entendendo-se por moral o conjunto de normas estabelecidas pela sociedade para adequar o modo de agir dos seus integrantes. Logo o cumprimento dessas normas implica em fazer o bem enquanto, infringi-las, é praticar o mal. O narrador desta estória não faz distinção entre o bem e o mal. Para ele “só fazemos o Bem porque somos maus. E só fazemos o Mal porque somos bons”. (p.12), ou seja, para Eusébio todo homem tem dentro de si o bem e o mal. Essa visão do personagem remete à concepção dualista do maniqueísmo, simbolizada pela luta entre o bem e o mal, sendo este último o mais tendencioso no homem.

Portanto praticar o bem seria um ato de renúncia ou uma forma de reprimir aquilo que verdadeiramente somos – “maus”. E é na prática do mal que está a nossa bondade, porque o mal é o que há de mais enraizado no homem, logo, o bem e o mal são nomes dados às mesmas coisas; a moral nesse caso seria algo relativo como afirmavam os sofistas: não existem normas e verdades universais válidas, o juízo de valor empregado às ações depende de quem as praticam. Séculos depois esse pensamento referente à moral também é defendido por um dos maiores filósofos contemporâneos: Friedrich Nietzsche (2005, p. 54), que considera a moral “uma hipocrisia inveterada” (...), que agora faz parte irremediavelmente da nossa “carne e sangue.” Hipocrisia esta que será posta em xeque no relacionamento entre o protagonista e os demais personagens, visto que as ações ilícitas dos últimos serão desmascaradas por ele no decorrer do enredo.

O seminário que poderia servir de regeneração para o personagem contribuiu ainda mais em sua transgressão moral, pois foi nesse ambiente de aparente integridade que Eusébio evidenciou todo tipo de práticas ilícitas como: prostituição, homossexualismo, etc. Diante da hipocrisia cometida pelos companheiros o personagem pôde com facilidade pôr em prática seus vícios e ainda manipular os demais com sua oratória e dissimulação impecáveis, tornando-se uma pessoa acima de qualquer suspeita, como declara na seguinte passagem: “(...) Mesmo na condição de seminarista menor, exercia liderança até sobre muitos de mais idade e mais antigos. Formei uma espécie de núcleo transgressor, uma verdadeira ordem secreta, onde quem mandava, embora freqüentemente através de subterfúgios, era eu.” (p.58)

Apesar de deixar explícito, desde o princípio, seu caráter corrompido, Eusébio é um exemplo típico de personagem redondo com traços de caracterização complexos, principalmente os ideológicos, psicológicos e morais, que dificultam a compreensão plena do personagem por parte do leitor, pois suas atitudes são gradativamente cheias de tensão e tramadas de forma artilosa e disfarçada. Essas características fazem parte principalmente do romance psicológico, a exemplo da obra *Diário do Farol*.

O romance psicológico tem início no Realismo, movimento literário iniciado no século XIX, que surge em oposição ao Romantismo; procura descrever os costumes e as relações entre os seres humanos com maior veracidade. Paralelamente ao Realismo nasce o Naturalismo, que dá explicações científicas para o comportamento e as atitudes dos personagens, estes são encarados como produtos de fatores externos, biológicos ou sociais: meio físico, raça e hereditariedade.

Candido (1998) faz um paralelo entre o ser fictício e o ser vivo. Explica que a diferença entre ambos é percebida através de suas condições de existência, ou seja, o homem não pode ser compreendido em essência, visto que sua natureza é variável a depender das

circunstâncias; podemos ter uma noção do comportamento e da personalidade do outro, mas não somos capazes de detectar o grau de suas ações.

A personagem se diferencia do homem real porque quando é representada pode ser plenamente compreendida graças aos recursos de caracterização previamente estabelecidos pelo escritor. Porém a idéia de ser delimitado foi sendo desfeita com o surgimento do romance moderno e os personagens passam então a ser qualificados como: “seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.” (Candido, 1998, p.60). O conflito existencial do personagem em questão contribui para que as ações concretas e principalmente os influxos interiores produzam esse efeito de ser ilimitado, assim como ocorre com o ser vivo.

Desde o início da narrativa o narrador tenta convencer o leitor da veracidade do seu relato e alerta que seria capaz de matá-lo se soubesse da existência de dúvidas, que provavelmente poderiam surgir, devido à visão limitada do mundo que, segundo ele, a maioria possui. Dialogando com o leitor expõe qual é a intenção de escrever o relato da sua história: “(...) Minha esperança, obviamente, é contaminar o maior número de pessoas possível, mas se não conseguir serei mais um fracasso como você.” (p.19). O uso da palavra contaminar nesse fragmento tem um sentido mais profundo do que a palavra “convencer”, pois esta afeta somente as idéias do outro, enquanto aquela atinge tanto as idéias como as emoções, ambas produtoras das ações. Significa dizer que além de contaminar e fazer o mal quer que as pessoas pensem como ele e façam a sua vontade.

O fato de querer mudar o comportamento alheio é conseqüência da inversão dos seus valores morais que são expostos no preâmbulo que antecede a narrativa na ordem cronológica dos fatos. Nele o personagem informa a situação atual em que vive e os seus ideais contrários aos da sociedade em geral. É a partir dessa atitude que se pode perceber a intenção de

“contaminar” e para tanto utiliza argumentos para sustentar as dicotomias como a solidão – “... não tinha onze anos completos ainda, constatava que era sozinho no mundo e sempre seria...” (p. 50). Para o homem a solidão é um sentimento momentâneo, mas em sua concepção ela é algo permanente do nascimento à morte e que a comunicação é uma forma de enganá-la.

Assim como as pessoas não percebem que são solitárias durante toda vida, simplesmente pelo fato de estarem sempre em companhia e em diálogo com outras, elas também se iludem em ter a felicidade e, como tem certeza que esta é somente uma ilusão, deseja:

“(...) estragar, ou macular definitivamente, sua felicidade, se você se ilude em tê-la. Minha esperança é que ela possa mirrar ou extinguir-se inteiramente para que você veja o mundo com ele é, ou enlouqueça, ou morra, ou ambas as coisas, pois quase todos, insisto, sobrevivem apenas porque crêem que não são sozinhos.” (p.12).

A negação da felicidade e da solidão explica-se pela perda prematura da mãe e da falta de alguém que pudesse substituí-la.

Eusébio observa que existe um motivo importantíssimo para o leitor prosseguir na leitura – a consciência da loucura. Esta, porém não se restringe a ele, mas a todos os homens, desfazendo com esta afirmação o conceito de sanidade mental.

A certeza quanto à loucura surgiu no momento em que ele se encontrava coagido a aceitar a decisão do clero de mandá-lo para uma paróquia na capital ou no vaticano a fim de exercer o ofício. Diante dessa situação ele solicita uma audiência com o auto clero e durante meia hora discursa de forma “emocionada” e eloqüente a ponto de entrar em transe; o recurso de dissimulação utilizado nessa ocasião, para ele, era de fundamental importância, pois sua partida para outro local impediria de continuar próximo às pessoas das quais desejava vingarse. Admirado com a própria performance diante do clero ele revela ao leitor a dúvida quanto a sua sanidade mental:

“(...) Hoje compreendo que foi nesse dia que pus em questão minha sanidade mental, o que me preocupou marginalmente durante algum tempo, mas foi logo dissipado pela inelutável constatação de que não existe sanidade mental ou normalidade e nós todos somos portadores de tudo que temos na conta de bom ou ruim (...) (p.192). (...) “Sim, agora sei que sou excelente ator, como, aliás, a maioria das pessoas, só que numa faixa quase sempre estreita, restrita e até semiconsciente....” (p..193)

Para alcançar seus propósitos o personagem faz uma auto-avaliação da dissimulação, desenvolvida com tamanha precisão que chega a si considerar um exímio farsante e ressalta que essa característica faz parte do caráter da maioria das pessoas, afirmação que pode causar estranheza ou até mesmo uma afronta ao leitor. Embora o ato de representar, de transmitir aos outros uma mentira como sendo verdadeira seja corriqueiro, não é comum ao ser humano admitir essa verdade, uma vez que admiti-la estaria assumindo uma condição inferior. Essa condição de inferioridade é defendida por Nietzsche como sendo de superioridade, para ele todo homem superior necessita de uma máscara, pois não deve ser tolo a ponto de mostrar o que nele há de mais íntimo: “(...) Isto tudo significa que nós somos, até a medula e desde o começo – habituados a mentir. Ou, para me exprimir em termos mais virtuosos e hipócritas, enfim, mais agradáveis: somos muito mais artistas do que nós mesmos o julgamos.”(2005, 108). Assim como na filosofia nietzscheana para o protagonista a mentira é necessária e fator indicador de superioridade – “(...) Mentir a si mesmo é grave, mentir aos outros não é grave; mentir a si mesmo, enfim, é burrice; mentir aos outros, a não ser futilmente, é de uma extraordinária utilidade.” (p. 71). Este fragmento demonstra o nível de importância que a mentira tem na vida do personagem; logo a busca incessante do ser humano pela verdade é vã, pois, não só de verdades é formada a vida, os juízos falsos são uma realidade e negá-los seria negar a vida.

É importante ressaltar que há duplicidade quanto ao termo “verdade”. A verdade defendida pelo personagem no início da obra refere-se ao fato que ele como afirma, tratará de expor os fatos de maneira sincera, para que isso ocorra não mentirá, ou seja, abrirá mão de seu maior artifício. Porém os acontecimentos narrados, as vitórias alcançadas no decorrer da

narrativa pelo personagem, têm como fundamento a mentira, esta calcada no que ele formula como verdadeiro.

Quanto aos paradoxos da obra não se pode deixar de frisar o sagrado e o profano, uma vez que estes têm valor considerável na construção do discurso do personagem. Definiu-se como sagrado tudo aquilo que é caracterizado como espiritual ou religioso; profano é, portanto, a oposição entre o poder espiritual e o poder terreno, ou seja, a realização dos prazeres materiais e carnavais. O conceito de sagrado fixado na mente dos cristãos é completamente desfeito pelo personagem a partir do momento que ele descreve o seminário: “Hoje sei que o seminário, como intuí desde o primeiro dia era mais ou menos como uma penitenciária. Há muitos submundos nas penitenciárias e tudo se consegue, desde drogas a armas, a depender dos contatos que se fazem. (...)”. (p.60), o ambiente transforma-se num lugar de práticas profanas requintadas que apontam a falsa piedade dos sacerdotes e seminaristas, proporcionando ainda mais a corrupção moral do personagem e contrariando as expectativas do pai de exercer uma missão nobre capaz de redimi-lo de toda insignificância, pois o considerava inútil para qualquer outra função, o sacerdócio, portanto, seria a única alternativa de salvá-lo.

A definição dada do seminário pelo personagem coloca em contradição os valores cristãos, a idoneidade, a supremacia da igreja apresentada à humanidade desde o surgimento do Cristianismo. Volta-se a concepção defendida por Nietzsche para explicar a decadência do ser humano moral e espiritual tendo como responsável direta a Igreja cristã, que sempre exerceu uma posição ditadora, submetendo ao povo uma “moral de rebanho”, sem direito a questionamentos. Para Nietzsche, seguir uma religião seria negar a própria “vontade de potência”, a independência, o orgulho e toda certeza do espírito para submeter-se a vontade de doutrinas servilistas.

Exercer o poder sempre foi algo prazeroso para Eusébio e foi no seminário que essa prática pôde desenvolver-se e contribuir no crescimento de sua vaidade, esta era astuciosamente disfarçada, pois demonstrá-la seria tolice visto que precisava mostrar as pessoas uma conduta exemplar que lhe garantisse o direito de acusar sem correr o risco de também ser acusado, seu orgulho era ter poder e não ostentá-lo.

Aos dezesseis anos já manipulava e exercia liderança sobre seminaristas mais velhos que o respeitava como se fosse um sacerdote; transgredir suas ordens era provocar a própria condenação, pois aos transgressores não poupava esforços de destruí-los, buscava informações comprometedoras e se por ventura não as encontrasse era astucioso o bastante para inventar uma gama plausível de argumentos verossímeis. Pode-se comprovar essas atitudes nas acusações feitas ao padre Corelli e a dois seminaristas: Virgílio e Waldir.

Por ser assediado pelo Padre Corelli, Eusébio resolve denunciar as práticas ilícitas que aconteciam dentro do seminário, como pode ser verificado no momento da denúncia:

“(...) ... para proteger um colega e um padre, ambos pessoas por quem só tinha estima e respeito. Mas o fato – ai Senhor, como posso ter coragem para contar? – era que o seminarista Virgílio tinha encontros sexuais com o padre Corelli. Inocente, eu não sabia o que eles faziam, mas sabia que era algo muito impróprio e pesadamente pecaminoso.” (p. 130)

Através do discurso persuasivo Eusébio consegue convencer o Reitor a comprovar o fato pessoalmente, levando-o a decisão de expulsar ambos do seminário, satisfazendo, dessa maneira, sua vontade de vingança. As expulsões do colega seminarista e do padre Corelli partiram de um fato verdadeiro, porém habilmente manipulado pelo protagonista, isentando-se aparentemente de qualquer responsabilidade, colocando-se ainda na qualidade de vítima.

Quanto às acusações levantadas contra Waldir, Eusébio mais uma vez surpreende não só ao leitor como a sua vítima. Em essência ele coloca em prática o pensamento de Satre (apud, Santiago, 2000, p.27) – “Admiro como alguém pode mentir pondo a razão do seu próprio lado.” Assim o faz, cria uma mentira como se verificará e esta se torna em suas mãos

a mais perfeita representação da verdade, já que não possuía fatos verídicos como no caso anterior, Eusébio resolve arquitetar friamente um plano contra o seminarista, em virtude deste tratá-lo insolentemente, para tanto lança mão da retórica da verossimilhança, alicerçando seu discurso em fatos prováveis e não em verdades absolutas.

Para comprovar os falsos argumentos, Eusébio sugere ao reitor uma acareação. Cínico e dissimulado ele alega que dessa forma a verdade viria à tona, e para que seu objetivo fosse alcançado, ele mais uma vez coloca em prática a arte da dissimulação e consegue persuadir o reitor de tudo o que ele cria, como se vê na seqüência a seguir:

“ (...) – o senhor – me perguntou o reitor , com a expressão de que já estava convencido de que minha invenção era verdadeira – viu este colega jogando no rio livros destinados à biblioteca?

- Vi, sim senhor. Uma espécie de sacola cheia de livros na hora do recreio da quarta-feira passada.

- Mentira! – gritou Waldir, levantando-se da cadeira como quem marchava para me agredir fisicamente, para logo em seguida sentar-se, com o corpo todo tremendo e o rosto ainda mais pálido- Mentira!”(p..153).

O narrador sentia prazer em manipular a mente humana. Seus planos eram sempre diabolicamente bem planejados e o seu desempenho de artista nato dava um toque finalizador de autenticidade ao acontecido, jogando a culpa de toda calúnia nos outros.

A argumentação como pôde ser percebida nos casos acima servia para contaminar o pensamento daqueles que podiam ajudá-lo a por em prática seus planos contra seus adversários. Já nos casos do pai e de Maria Helena, alvos principais, a palavra desempenha nova função – a de morte psicológica, pois antes de executá-los fisicamente, os destroem com palavras agressivas e humilhantes.

A família é fator decisivo na conduta de uma criança, pois é nela que se desenvolvem laços e adquire valores de conduta moral, que influenciarão seu comportamento em fase adulta. É através da interação com a família que o homem aprende como se adaptar em sociedade e adquire uma personalidade que o capacita a se organizar em comunidade. Esse

processo de socialização na estrutura familiar é vital para o indivíduo. Sobre a importância da atuação familiar Alexander (apud TELES, 2001, p. 33) afirma:

Acompanhando o desenvolvimento de uma criança tal como ocorre, passa a passo, verificamos que os fatores decisivos são as relações emocionais entre ela e os outros membros da família (...) na infância, portanto, os alicerces da personalidade são elaborados em certas configurações fixadas, configurações estas que possuem uma certa rigidez e estabilidade e, até certo ponto, resistem às influências posteriores.

São esses aspectos que contribuirão para a formação da personalidade seja ela voltada para o bem ou o mal. No caso do personagem a aquisição dos valores sociais e individuais se deu num lar desestruturado, no qual o pai nunca foi um referencial, pelo contrário, ao invés de amigo e conselheiro desempenhou um papel de carrasco e ditador transmitindo-lhe uma educação negativa, baseada em repressões, castigos severos e injustos, visto que nem ele mesmo cumpria as regras impostas ao garoto. Em virtude de não existir diálogo com o pai, Eusébio não tinha oportunidade de expor seus sentimentos e desejos, o pai só falava com ele para dar ordens, reprovar, fazer acusações e pregar sermões num tom superior de quem sabe tudo ou é infalível.

Essa maneira de “educar” contribuiu na formação de um homem capaz de qualquer atitude para defender-se e impor sua opinião, além disso, despertou o desejo ardente de matar aquele que durante toda a vida o tratou como um ser insignificante.

A concretização da morte aconteceu ironicamente com a inversão dos papéis, o pai que sempre deteve o poder da palavra se vê obrigado a ouvir o discurso do filho antes de dar o último suspiro. Fato que confere um dos momentos de maior tensão ao enredo:

“ – Tu! – disse eu. – Tu que me espias temeroso agora
Vais ouvir o que nunca ouvir quiseste
Tu vais ouvir calado, sem falar
E teu poder de nada servirá (p. 274)
(...)
Porque agora é a hora da verdade.
(...)
Matar-te, é muito pouco para um pai
Cujo colo jamais soube acolher-me
(...)
Nada que eu faça apagaria a dor

O mínimo que tu sempre me negaste.
Nem apagaria o anseio que tem o filho
De ver no pai o seu contentamento,
Nem pagará as bofetadas que me deste,
A dor de não ter pai (p.275)
Mereces algo muito mais cruel
Que esta almofada com que te sufoco.
E eu viverei, afinal viverei:
A tua morte é o meu sopro de vida.” (p. 277)

O trecho acima demonstra todo o rancor e ódio que o narrador tinha pelo pai, afinal sua vingança que consistia em matá-lo foi concretizada. A Retórica é empregada de forma singular, o domínio de argumentação e habilidade que o narrador emprega na elocução do discurso denota a precisão quanto ao uso da palavra. Sua fala é estruturada de maneira objetiva, e como já lhe é característico, cheia de maldade, secura e sarcasmo. Para o narrador protagonista este momento reflete tudo o que ele sempre almejou, ao utilizar-se da palavra seus artifícios, seus argumentos, são agora mais fortes que antes. Pois matar seu pai não se resumia em apenas tirar-lhe a vida, mas em mostrá-lo que, ao contrário do que sempre julgou, ele era uma pessoa dotada de virtudes e capacidades. O Eusébio que agora estava diante dele era o resultado da forma como este o criara.

No entanto as maldades protagonizadas por Eusébio ainda não estavam por completo realizadas. Faltava vingar-se daquela que pela primeira vez o fez sair de sua condição superior, de ser inatingível. A rejeição, sentimento que faz com que o homem sinta-se diminuído diante dos outros e de si mesmo, afetando a sua auto-estima, acontece com o surgimento de Maria Helena com quem manteve um relacionamento oculto. Com essa personagem a eloquência que o ajudou a vencer vários obstáculos não surtiu o mesmo efeito, ódio e desejo de vingança invadiram-no devido à rejeição sofrida:

“ foi um sentimento de desmoralização, de vítima, de embuste, de juguete nas mãos de uma jovem inescrupulosa, de alvo ridículo de derrotado, derrotado, derrotado (...) eu era um homem por todos os títulos superior, que não podia, por uma questão praticamente de honra aceitar ser feito de besta com tanta facilidade. “ (p.176-177)

Em decorrência do desprezo de sua amada este não vê alternativa senão vingar-se, e sua vingança consistiria em matá-la, não só a ela como a seu cônjuge, aquele pelo qual fora trocado. O discurso do narrador protagonista acima citado reflete a condição de ser humano “normal”, da qual ele sempre se esquivou. A derrota agora fazia parte de sua vida. A partir desse momento a causa do fracasso inverte-se de súbito em elemento motivador de novas conquistas, para obtê-las juntou-se a um grupo comunista do qual Maria Helena e o esposo faziam parte, lá conseguiu finalmente a pior das vinganças, pois suas vítimas foram irônica e friamente torturadas, estupradas e assassinadas:

“ – Não se preocupe, meu amor. Agora que já comi você toda, você vai poder morrer em paz. Primeiro eu estrangulo o crápula do seu marido para só depois estrangular você. Não, pensando bem, vou deixar que o companheiro aqui mate seu bosta de seu marido e eu mesmo estrangulo você.
Foi o que fiz e, assim que notei que ela estava morta, pedi com um sinal que afrouxassem um pouco as amarras de seu tronco.” (p. 300-301)

Como na execução do pai, a de Maria Helena e seu cônjuge, não ocorrem de forma diferenciada, mais uma vez a frieza e crueldade das ações do protagonista são notórias. O prazer descrito com requinte nos detalhes vem confirmar toda essência do mal existente no personagem.

Tendo seu projeto de vingança concluído, o protagonista sente-se realizado, mas essa sensação de prazer desfaz-se pela falta de novas perspectivas de vingança, sem elas a vida não tinha mais sentido, como ele mesmo afirma: “(...) O resto é anticlímax”. (p.301).

A ausência de motivação o fez abandonar o seminário alegando está com problemas mentais e comprar uma ilha, para afastar-se definitivamente do convívio de todos, reforçando com esta atitude aquilo que para ele sempre foi uma constante na vida do ser humano: a solidão, do nascimento à morte.

Convicto de não ter mais nada a cumprir cogita a possibilidade de tirar a própria vida, o que demonstra segundo ele um ato de liberdade e poder de escolha sobre sua existência. Há nessas posições do protagonista a presença do pensamento Nietzscheano, o

qual expressa: “(...) Será o maior aquele que conseguir ser o mais solitário, o mais escondido, o mais afastado, o homem para além do bem e do mal, o senhor das suas virtudes e transbordante de vontade. A isto claramente se chamará grandeza”. (p.135).

Logo, a solidão e o desejo da morte estão no mesmo patamar de grandeza apresentam-se como bem e não como o mal, reafirmando a natureza plena de superioridade de Eusébio; contrariando novamente todas as posições já consolidadas dentro da sociedade, uma vez que o ser humano por natureza necessita do outro.

Portanto todos os fatos ocorridos com o personagem Eusébio, desde a sua infância à ordenação como padre sofrem, no decorrer da análise, a quebra de todos os valores morais definidos desde a Antigüidade sobre o que é o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, o sagrado e o profano, enfim sobre todas as normas que alicerçam a vida do ser humano, seja no âmbito individual, familiar e social e, para que essa quebra ocorra com êxito, o narrador protagonista usa a técnica do paradoxo na construção do seu discurso, discurso este que, como foi verificado, é a expressão completa do que se conhece como retórica da verossimilhança.

A obra Diário do Farol oferece ao leitor a oportunidade de conhecer o lado mais obscuro e perverso do ser humano, o mal que, a todo custo, o homem luta para escondê-lo, mas que é parte integrante da natureza humana. Através do discurso do narrador esse lado obscuro é revelado sem reservas, contrapondo-se as normas estabelecidas pelo senso comum.

Por outro lado essa exposição visa estabelecer uma reflexão sobre a nossa condição de seres humanos e sociais. Será que como o próprio protagonista afirma, podemos confiar sem reservas em tudo e em todos, aquilo que tão bem soa aos ouvidos é verdadeiramente o que se apresenta? O personagem desprovido de quaisquer escrúpulos que não sejam aqueles que são determinados por sua astúcia comprova a relatividade da moral, a virtude está em agir livremente sem assumir nenhuma culpa pela consequência dos atos praticados, por conseguinte, a ausência da consciência moral o impede de discernir entre o bem e o mal.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. 8.ed. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

CANDIDO, Antônio. A personagem de ficção. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia. São Paulo: Saraiva, 2000.

MOSCA, Lineide Lago do Salvador (Org). Retóricas de ontem e hoje. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. Para além do bem e do mal. Tradução Alex Marins. São Paulo: Marin Claret, 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. Diário do Farol. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TELES, Maria Luiza Silveira. Psicodinâmica do desenvolvimento humano. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SANTIAGO, Silviano. Nas malhas da letra. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. Uma literatura nos trópicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO EM DIÁRIO DO FAROL

OLIVEIRA, Franciney Azevedo.
francineya@hotmail.com

SANTOS, Áquila Késia da Silva.
aquilakesia@hotmail.com

SILVA, Helena Cristina Correia.
helcristina@ig.com.br

NUNES, Antônia Maria. (Orientadora)
Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela UFRN, Mestra em Comunicação Semiótica pela PUC/SP, Prof^a do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

Desde o surgimento do mundo o homem vive em sociedade, na qual sempre existiram direitos e deveres a serem cumpridos, pois o senso comum assim estabeleceu. Os valores morais também são desde os primórdios da humanidade algo indispensável para o relacionamento social, que consiste fundamentalmente em respeitar e praticar o bem.

O presente estudo, no entanto, traz uma análise da obra Diário do Farol, do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro, que constrói uma teoria contrária a todas as normas estabelecidas para o convívio social. A partir da utilização da persuasão, peça chave para a construção e concretização do discurso do narrador que proporciona ao leitor, utilizando uma Retórica da verossimilhança dos fatos narrados, uma reflexão dos paradoxos por ele defendidos no decorrer da narrativa, dentre eles o duelo existente entre o bem e o mal.

PALAVRAS-CHAVE: romance - retórica – discurso – verossimilhança – moral.